

Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005

João Muralha¹,
Ana Margarida Vale²,
Vitor Oliveira Jorge³,
Leonor Sousa Pereira⁴,
Gonçalo Leite Velho⁵

ABSTRACT

The authors describe, very briefly, the main conclusions of the last archaeological work in Castanheiro do Vento, a prehistoric settlement, located in the northeast of Portugal (in the municipality of V^a N^a de Foz Côa).

1. LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO

Freguesia: Horta do Douro;
Concelho: Vila Nova de Foz Côa;
Distrito: Guarda;

Coordenadas geográficas (segundo a *Carta Militar de Portugal*, à escala 1: 25 000, folha 140, e recorrendo a um ponto central da estação):

41° 03' 49" Lat. N.

07° 19' 18" Long. W. Gr.

A aérea escavada situa-se no topo de um morro de substrato xistoso, definido pela curva de nível dos 720 metros. Actualmente, conserva uma área preservada de cerca de 100 metros, no sentido Norte/ Sul, e de 80 metros, no sentido Este/ Oeste. Esta área encontrava-se coberta por vegetação arbustiva, o que impedia uma percepção clara do terreno e a progressão das escavações, e impunha barreiras visuais para quem, do sítio, observava para Oeste. No sentido de colmatar este problema e com o objectivo de preparar os trabalhos de escavação, a primeira actividade da campanha de 2005 centrou-se no corte e remoção de toda a vegetação existente no topo do monte (em Junho de 2005, por uma equipa reduzida).

¹ Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. Bolseiro da FCT. E-mail: j muralha@gmail.com

² Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. Bolseira da FCT. E-mail: ana.m.vale@gmail.com

³ Professor do DCTP-FLUP. E-mail: vojorge@clix.pt

⁴ IPA-Extensão de Vila do Conde. E-mail: leonorsp@gmail.com

⁵ Docente no IPT, estudante de doutoramento, Universidade do Porto, E-mail: gonvelho@ipt.pt

Mas a dispersão de materiais cerâmicos e líticos não se limita apenas a esta área. Estende-se para sul, numa plataforma com mais de 100 metros de extensão, hoje cultivado com cerejeiras, e para norte e leste, numa sequência de rampas ou plataformas, destruídas pela abertura de valas destinadas ao plantio de eucaliptos.

De facto, estamos perante uma “colina monumentalizada”, no sentido em que o sítio não se restringe à área de escavação (onde provavelmente os vestígios de vivências no III/II milénio a.C. são mais visíveis), mas se estende a toda a colina, que também só pode ser entendida na sua interacção com o território envolvente, e, a um primeiro nível de abordagem, com o vale da Ribeira da Teja, sobre cuja área Castanheiro de Vento detém um amplo domínio visual.

Sendo dominante a visão do sítio de Castanheiro do Vento para leste, apreende-se uma vasta área da bacia da Ribeira da Teja, assim como do próprio vale; e o morro de Castanheiro do Vento surge destacado na paisagem que daí se observa. Também da área a N/NW do sítio este surge como um dos elementos geomorfológicos mais proeminentes.

A relação visual do sítio com o território e deste com o sítio parece assumir especial relevo na concepção da cenografia de Castanheiro do Vento. Este local era para ser visto de longe e detinha um amplo domínio visual sobre a paisagem.

Em termos cronológicos, as datas de C14 permitem situar o sítio entre 2900 e 1500 a.C., o que encaixa nas tradicionais designações de Calcolítico e Bronze Inicial. Provavelmente o sítio como monumento data dos meados, segunda metade do III milénio a.C./ primeira metade do II milénio a.C.

Existe, também, um conjunto significativo de datas de C14 que nos remete para o I milénio a.C., genericamente entre os séculos VIII e IV a.C., assim como alguns materiais, entre eles uma peça em electro. Estes dados são de difícil articulação com as actividades a que poderiam estar ligados. Corresponderiam a uma utilização completamente diferente daquela datada do Calcolítico/Idade do Bronze, mas surgem em contextos pouco definidos, parecendo, no entanto, estar conectados com áreas de combustão.

2. CAMPANHA ARQUEOLÓGICA DE 2005

Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 3 de Julho e 23 de Setembro de 2005, com a presença de toda a equipa responsável, com o apoio de alunos universitários em regime de avaliação e voluntariado, e ainda com a participação de colaboradores que têm vindo a desenvolver trabalhos científicos na região.

O projecto de investigação em Castanheiro do Vento contou com um programa Interreg, elaborado em conjunto pela ACDR de Freixo de Numão e pela Universidade de Salamanca, ficando a Prof. Dr.ª Socorro López Plaza como responsável da equipa desta última instituição, que, através de alunos e daquela docente, participou nos trabalhos de campo de 2005.

As escavações arqueológicas foram também integradas no projecto “ArchSigns - Prehistoric architectures, the building of the monumental Europe” financiado através do programa Cultura 2000, projecto este que envolveu a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a Universidade de Málaga e a Universidade de Montpellier.

O objectivo destas iniciativas prende-se sobretudo com a criação de bases para uma rede temática a nível europeu, que tem em Freixo de Numão um potencial lugar de encontro e de reflexão. Este esforço no sentido de estabelecer parcerias a nível internacional foi reforçado com a presença de outros investigadores que não se encontravam inicialmente afectos ao projecto, nomeadamente da Dr.ª Lesley McFadyen (Universidade de Leicester, Reino Unido), que não só participou activamente na campanha de escavações como também apresentou uma palestra no auditório municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Atendendo a este enquadramento institucional, procedeu-se, durante três meses, à escavação de um total de 339 quadrículas, de 2mx2m, perfazendo um total de 1356m² de área escavada.

Um dos objectivos gerais da escavação prendia-se com a percepção e registo da planta geral do sítio; neste sentido, realizou-se um trabalho em área de decapagem superficial. Raros foram os contextos alvos de uma escavação em profundidade.

No final dos trabalhos as estruturas postas a descoberto foram protegidas com manga plástica coberta com pedras e/ ou gravilha;

O espólio cerâmico e lítico encontra-se em fase de tratamento (lavagem e marcação) e estudo. Uma amostragem selectiva de material cerâmico, assim como de espólio metálico, será remetido ao ITN para análise, ao abrigo dos concursos: *Caracterização química de cerâmicas arqueológicas*, categoria A e *Caracterização química de metais e ligas metálicas pré-históricas*, categoria B.

Foram também seleccionados ecofactos para análise:

- Antracologia: remetidos para o Laboratório de Botânica da Universidade de Montpellier (França), onde serão estudados pela Dr.^a Isabel Figueiral;
- Radiocarbono: as análises de radiocarbono foram efectuadas no Department of Engineering Sciences, Division of Ion Physics – Uppsala Universitet, Suécia.
- Fauna: encontra-se em estudo pela Dr.^a Cláudia Costa, que iniciou a sua dissertação de mestrado em Arqueozologia na Universidade do Algarve, com materiais provenientes de Castanheiro do Vento, e pelo Prof. João Luís Cardoso (Univ. Aberta).

3. RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2005

Os trabalhos arqueológicos permitiram pôr a descoberto uma vasta área, genericamente caracterizada por muretes interceptados por «bastiões» e passagens ou entradas, assim como revelou uma complexa organização do espaço intra e entre muretes, como comprovam várias estruturas circulares ou ovaladas e estruturas geminadas, que descreveremos adiante.

Até ao momento das investigações, a morfologia geral do sítio de Castanheiro do Vento é basicamente definida⁶: pelo **murete 1** (M1), de tendência curvilínea, constituído por um conjunto de troços de murete e «bastiões»; pelo **recinto secundário** (RS) que intersecta o murete 1 na periferia a SE e possui duas entradas e dois «bastiões»; pelo **murete 2** (M2), segunda linha de murete, igualmente de tendência curvilínea e constituído por troços de murete e «bastiões»; pelo **murete 3** (M3), terceira linha de murete, em tudo semelhante ao anterior e que parece ser a linha que define o **recinto principal** (RP) onde se situa uma grande estrutura que se denominou «Grande Torre», ou «Torre Principal».

O murete 1 e o recinto secundário foram escavados entre 1998 e 2004. Só em 2005 foi possível identificar os outros componentes atrás enunciados. Assim, passaremos a definir as estruturas detectadas durante a última campanha de trabalho de campo, que interceptavam as duas linhas de murete (M2 e M3), ou estão com estas, aparentemente, conectadas:

- **«Bastião» H** (BH) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura deste tipo genérico mas de vão aberto, na sua parte interna. A decapagem desta estrutura permitiu identificar um nível de terras escuras, onde se encontrou um conjunto apreciável de fauna. Este «bastião» parece estar relacionado com uma estrutura (n.º4) localizada imediatamente a Norte.
- **Estrutura circular n.º4** (Ec4) – Definida por pedras obliquamente dispostas (parte superior voltada para fora). Possivelmente, seriam as bases de uma estrutura (parede) feita a partir de um entrançado de ramos, revestido a argila.

⁶ Ver croquis geral da área escavada.

- **Estrutura circular n.º5** (Ec5) – Em tudo idêntica à anterior, com a diferença de que as pedras que a definiam eram constituídas por elementos de moinhos de granito, fracturados. Em redor desta estrutura não se detectou a continuação do murete.
- **Estrutura circular n.º3** (Ec3) – Idêntica à Ec4, embora de raio mais pequeno. Foi integralmente escavada, até à sua linha basal, oferecendo um sedimento homogéneo e muito argiloso.
- **Estruturas geminadas n.ºs 1,2 e 6** (Eg1/2/6) – Localizadas junto à face exterior do murete 2 (M2), entre os «bastiões» G e I. São estruturas acopladas, onde as lajes delineadoras de uma podem servir (na face oposta) de delimitantes da estrutura adjacente. A estrutura 1, já tinha sido detectada no final da escavação de 2004, mas só em 2005 se procedeu à sua correcta delimitação, levando à identificação da Eg2 e Eg6. As estruturas 1 e 2 possuíam um pequeno nível de lajes de xisto muito fracturadas no seu topo.
- **«Bastião» I** (BI) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna. Acompanha a inflexão do murete 2, no sentido NE.
- **«Bastião» J** (BJ) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo bastião, mas de vão aberto, na sua parte interna. A decapagem superficial do interior deste «bastião», permitiu definir uma micro-estrutura delimitada por elementos de moinho fracturados, à semelhança dos «bastiões» A, D e F, e ainda todo um interior estruturado em pequenos espaços.

A ligação entre o «bastião» I e o J é definida por dois muretes de curvatura longa, um unindo efectivamente os dois «bastiões», outro partindo do «bastião» I e terminando a meio do primeiro murete.

O prolongamento do murete para Norte, após a definição da concavidade produzida pelo «bastião» J, termina numa **Passagem (n.º6)**. O murete parece ter sofrido uma alteração, com o propósito de o monumentalizar. Esta passagem muito estreita (0,60m) foi colmatada pela construção de um troço de murete que faz a ligação entre este murete 2 e o murete 3. O lado Norte da passagem 6 é definido por um troço de murete quase triangular, estando o seu topo Norte junto ao bastião K.

- **Estrutura circular n.º12** (Ec12) – Pequena estrutura sub-circular detectada numa área de difícil compreensão, pois toda esta zona, junto ao murete de planta triangular, parece estar muito alterada por problemas pós-deposicionais.
- **«Bastião» K** (BK) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo «bastião», mas de vão aberto, na sua parte interna. A decapagem superficial deste «bastião» permitiu definir uma estrutura circular no seu interior encostada à parede norte.
- **Estrutura circular n.º10** (Ec10) – Embora pareça ser uma estrutura sub-circular, a sua escavação não foi feita; apenas se delimitou o topo das lajes de xisto que a estruturavam.
- **Estruturas geminadas n.ºs 7,8 e 9** (Eg7/8/9) – Localizadas num espaço delimitado, junto ao murete de união entre os recintos intermédio e o interior/complexo. A existência a Norte de um pequeno murete, no final do «bastião» K, parece circunscrever este espaço.

Entre o «bastião» K e o L, foi detectada uma outra **Passagem (n.º7)**. Não se encontra monumentalizada, pelos menos no estado actual da sua escavação. O seu eixo de acesso ainda não está bem definido, e não foram detectadas estruturas de colmatação.

- **«Bastião» L** (BL) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo «bastião», mas de vão aberto, na sua parte interna.

O troço de murete que continua para NO após a curvatura do «bastião» L, termina num pequeno troço de murete, que inflecte para NE e subitamente termina. Embora a decapagem nesta área não tenha sido abandonada, não se detectou nenhum alinhamento a norte deste, inserido no recinto intermédio.

A parte interior do **Recinto Principal** foi detectada em processo de escavação, quando se definiu o murete que partia junto à passagem 6 e que depois se veio a perceber que terminava no centro da curvatura do «bastião» M. Este recinto aparenta ter uma forma ovalada, embora a sua delimitação ainda não esteja definida.

- «**Bastião**» **M** (BM) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo «bastião», mas de vão aberto, na sua parte interna.
- «**Bastião**» **P** (BP) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura do tipo «bastião», mas de vão aberto, na sua parte interna. Apenas se definiram os seus alinhamentos. Adossado à parede externa desta estrutura, existe um pequeno murete de apenas 2,5m de carácter monumental que termina num vão. Após essa abertura, o murete parece continuar; mas não houve oportunidade para se definir melhor esta zona. No entanto, pensamos tratar-se de uma **passagem (9)**.

Para Norte do «bastião» M, além de um pequeno troço de murete rectilíneo, detectou-se outra **passagem (8)**, bem definida e sem estruturas de colmatção.

- «**Bastião**» **N** (BN) – «Bastião» em forma de “D”, que consiste numa estrutura de vão muito aberto, neste caso, assemelhando-se a uma metade de círculo. Encontra-se voltado para a zona mais central do recinto interior/complexo.
- «**Bastião**» **O** (BO) – Estrutura em forma de «bastião» mas destruída na sua área norte, impedindo uma mais correcta interpretação da mesma estrutura.

Perto do final dos trabalhos arqueológicos detectou-se uma estrutura circular que denominamos **Torre Principal**. Consiste numa estrutura monumental localizada na possível área interna do recinto principal. A sua complexidade é grande e encontra-se ainda em processo de escavação. Tem a NO e a SE uma complexa **contrafortagem** à qual, a SE, encostam duas estruturas geminadas: **estruturas geminadas n.ºs 11 e 13** (Eg11/13).

4. CONCLUSÕES DOS TRABALHOS DE 2005

As escavações em Castanheiro do Vento durante a campanha de 2005 vieram acentuar a complexidade deste local e sublinhar o seu “ar de família” com outros sítios de altura datados do calcolítico, situados no rebordo meridional e ocidental da Península Ibérica e zona francesa mediterrânica. Referimo-nos a recintos delimitados por uma ou mais linhas de muretes, interceptados por bastiões. Podemos enunciar, a título de exemplo, Los Millares em Espanha, e em território português, os sítios de Santa Justa, Zambujal, Leceia, Vila Nova de S. Pedro e Castelo Velho de Freixo de Numão, entre muitos outros.

Em 1994, Susana Oliveira Jorge ensaiou um estudo comparado dos chamados “povoados fortificados” calcolíticos, demonstrando a inconsistência desta mesma determinação funcional, que abrangia todas as interpretações explicativas destes locais. Neste momento, seria de extrema importância prosseguir essa linha de trabalho, atendendo a novos dados provenientes da escavação arqueológica, e a novas linhas interpretativas que se vão tecendo, resultantes da interacção da arqueologia com outros domínios da ciência, não apenas para aportar conceitos e estruturas de outros ramos do conhecimento e aplicá-los ao estudo arqueológico, mas para estabelecer a arqueologia num sistema de saberes interactivos e criativos.

No entanto, algumas ideias podem ser sublinhadas na análise comparativa de Castanheiro do Vento com outros recintos, contemporâneos, e morfologicamente semelhantes (ainda que seja uma análise que necessita de um estudo futuro mais aprofundado). Estes sítios localizam-se em áreas de onde se detém um amplo espectro visual do território, e podem ser observados destas

longas distâncias. Os morros onde se situam parecem também adquirir uma polivalência visual, consoante o local de onde são avistados. Tratar-se-ia de colinas monumentalizadas, onde, no seu topo, uma ou várias linhas de muretes incorporando «bastiões», formariam uma espécie de labirinto, criariam circuitos ora rectilíneos, ora serpenteantes, ora estreitos, ora abertos em grandes recintos. Nestes espaços interiores, provavelmente, ocorreriam deposições várias que poderiam materializar a união de grupos, simbolizar e negociar o sentido de comunidade. Estes monumentos comunitários plasmariam em última análise “formas de habitar”, onde o espaço vivencial era tecido a uma ampla escala, ou seja num território envolvente.

Estes espaços construídos no topo das colinas implicariam o trabalho de várias comunidades, não só na fase de erecção das estruturas, cujos socos hoje pomos a descoberto, e que deveriam ser de materiais perecíveis e argila, mas também na manutenção do próprio sítio. Uma construção em terra envolve cuidados regulares, em princípio anuais, depois da época das chuvas, o que teria implicações de ordem social, no sentido que pressupunha a mobilização periódica de pessoas e bens em larga escala. Estes espaços comunitários poderiam evidenciar nos seus «bastiões» ou em outro tipo de estruturas, diferentes grupos, agregados em rede pela própria arquitectura destes sítios.

A construção em argila confere às paredes e às fachadas uma grande plasticidade, a capacidade de (re)moldar espaços, rasgar ou fechar aberturas, janelas, que condicionavam a percepção do espaço exterior. Pode potenciar capacidades de expressão das fachadas, em termos de cor e organização decorativa, enquanto transmissoras de significados múltiplos.

Num território que não era apenas construído por adições de material, mas sim de um imbricado de actividades e significados, o estudo das construções de um recinto como Castanheiro do Vento não pode ser realizado através de itens que hoje em dia a arquitectura e a engenharia utilizam para caracterizar “formas de fazer”: materiais construtivos, técnicas construtivas, soluções técnicas, mão-de-obra, custos e tempo empregue...

Na linha de Tim Ingold, o espaço é tecido, o que pressupõe uma interligação entre todos os elementos. A escavação de 2005 fornece-nos um exemplo prático desta relação entre materiais construtivos, técnicas construtivas e a própria construção (que não podem ser tidos como unidades independentes): o embasamento do murete 3 (M3) é realizado com xisto e quartzo branco, enquanto que, nos restantes, o soco pétreo é feito quase exclusivamente em xisto. Contudo, uma vez “construída” a super-estrutura em argila, esta singularidade não seria perceptível, pois, em princípio, mesmo as faces das paredes em pedra seriam barreadas. A presença do quartzo branco, que no processo de escavação arqueológica é tão marcante, pontuando intensamente o terceiro troço de murete de “manchas” brancas, distinguindo-o em termos visuais dos restantes, diluir-se-ia na construção, fazendo parte de uma tecitura mais global, que seria constituída pelo próprio sítio e pelo seu meio.

Vários contextos evidenciam, ainda, um fechamento intencional de algumas estruturas, que pela sua morfologia criariam espaços de circulação, como «bastiões» e passagens, através de níveis de pedra estruturados. Este acto de colmatar pressupunha, muito provavelmente, a destruição intencional da super-estrutura, pois era ao nível da base pétreo que esta acção se realizaria. Uma das implicações desta operação, para nós arqueólogos, refere-se ao próprio estudo das paredes do sítio. Intencionalmente, no passado, estas foram destruídas e não abandonadas, deixando apenas o registo de uma momento final (se considerarmos que deixa de ser um sítio aberto, susceptível de circulação no seu interior, para um sítio fechado, coberto de pedras).

Para concluir, o estudo do sítio de Castanheiro do Vento, e sobretudo após os trabalhos de 2005, pela área escavada e esforço envolvido, evidencia, sobretudo, a complexidade crescente do local, o que exige uma análise cada vez mais profunda, à micro-escala, dos contextos específicos do sítio, e à macro-escala, da arquitectura de Castanheiro do Vento, ou seja, a relação da estação com o espaço envolvente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AAVV, (2005), *Arquitecturas de Terra em Portugal*, Lisboa, Argumentum.
- JORGE, Susana Oliveira, (2005), *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Porto, Edições Afrontamento.
- INGOLD, Tim, (2000), *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, Londres, Routledge.
- JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, (2004), “Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”, *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.
- JORGE, Vítor Oliveira, (2005), *Vitrinas muito Iluminadas*, Porto, Campo das Letras.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2005), “Morfologia Construtiva do Recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação”, *Almadan*, II série, nº13, pp. 25-35.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002a), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002b), “Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/ Bronze age sites in northern Portugal”, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp.36-50.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003a), “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003”, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp.5-24.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003b), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003c), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003d), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa) ”, *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/ Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.79-114.
- JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, VALE, Ana Margarida (2004), “O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª. Nª. de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 6.
- THOMAS, Julian, (2004), *Archaeology and Modernity*, Londres, Routledge.



Fig. 1 – Localização do sítio de Castanheiro do Vento na Península Ibérica.

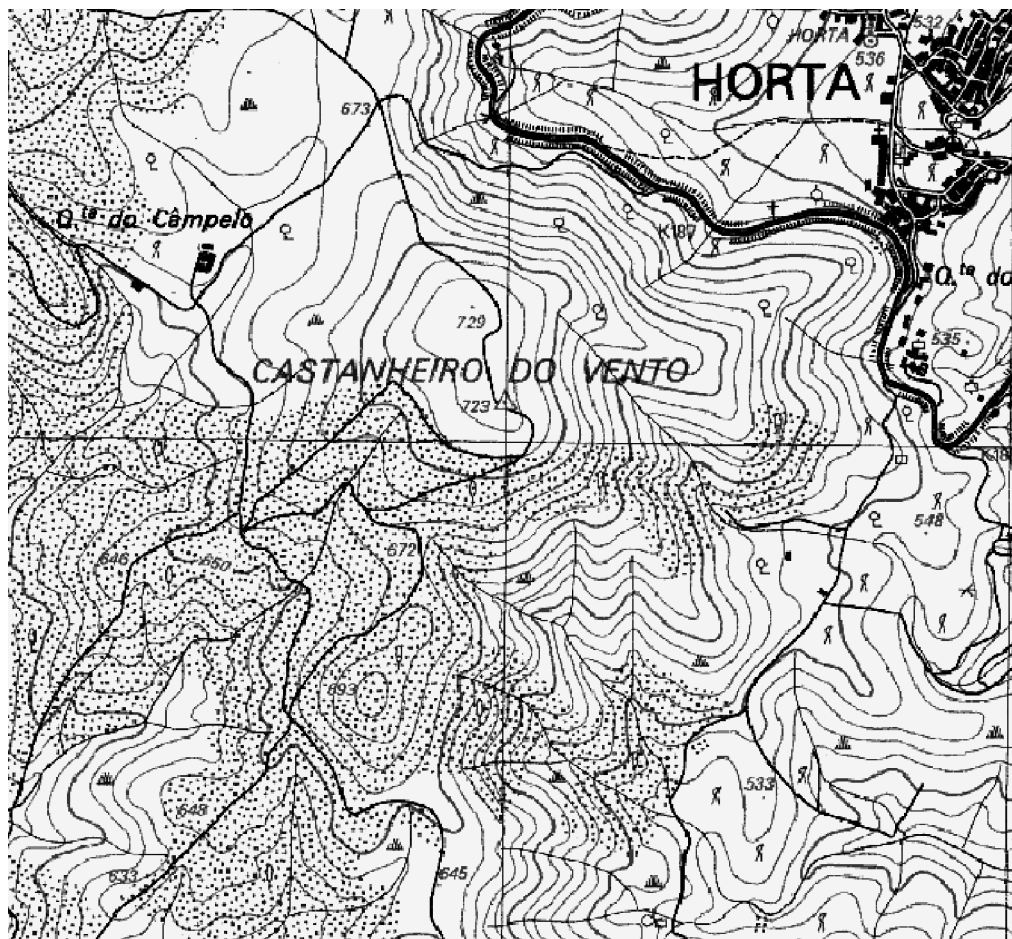


Fig. 2 – Localização de Castanheiro do Vento na Carta Militar de Portugal, Folha nº 140, originalmente na Esc. 1:25 000.

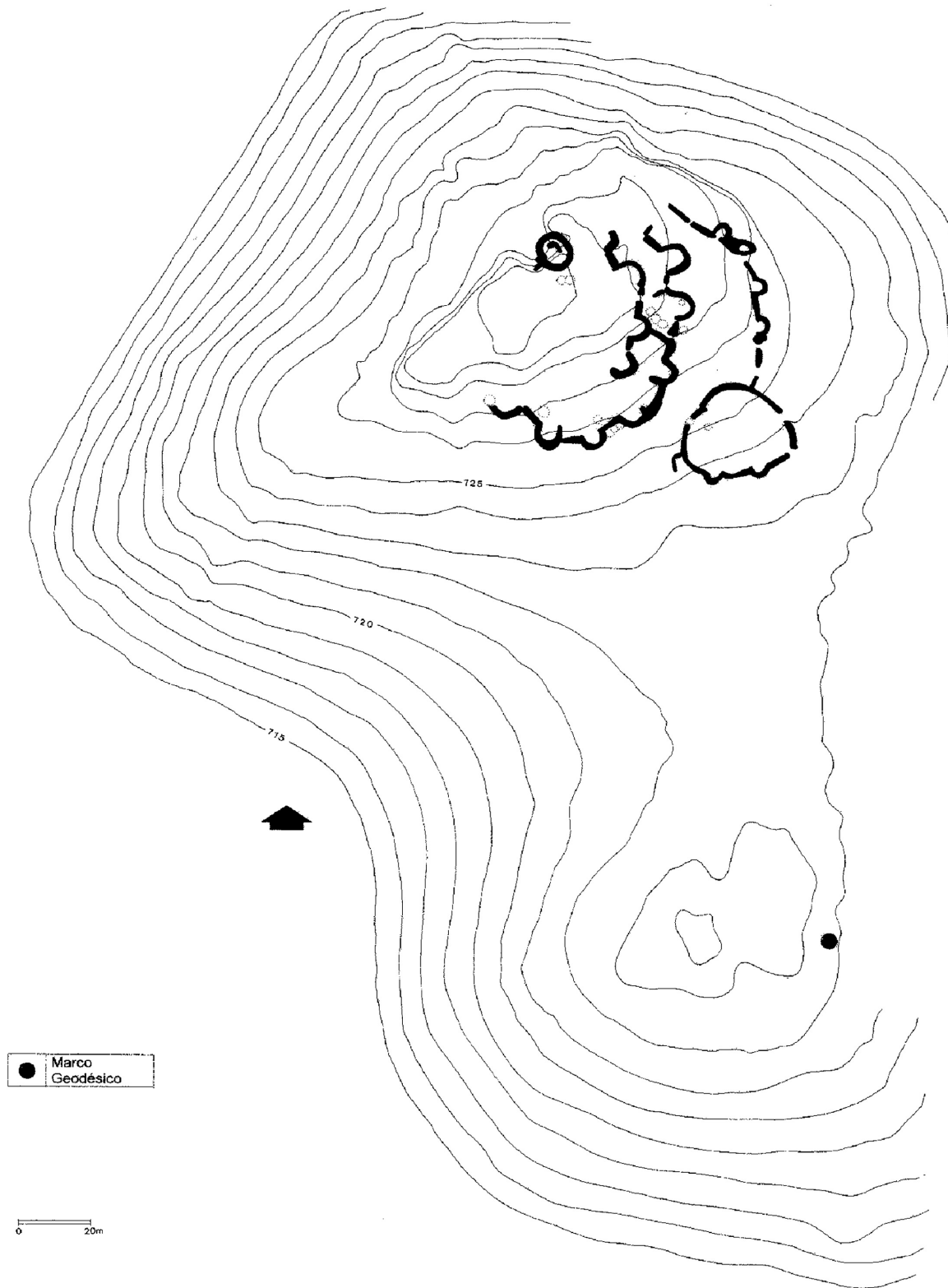


Fig 5 – Planta geral do topo da superfície em escavação, após os trabalhos de 2005. Equidistância das curvas de nível: 1m.



Fig 6 – «Bastião» J. No seu interior foi detectada uma micro-estrutura, sub-circular, constituída por elementos fracturados de moinhos manuais, em granito.



Fig 7 – «Torre Principal», vista de norte. Estrutura circular muito complexa, ainda em processo de escavação.

Datas calibradas a 2 sigma	Comentários	Número do laboratório
2630-2450 cal BC	Perto da face interna do murete 2. Sedimentos cinzentos, da camada 3. Relaciona-se com as estruturas principais do sítio.	Ua-32081
2630-2340 cal BC	Entre pedras de contrafortagem do recinto secundário. Na camada 3. Neste caso pode corresponder à construção da contrafortagem neste local.	Ua-32088
2480-2200 cal BC	Interior da estrutura circular 3, numa área com argila queimada. Todos os sedimentos desta estrutura eram argilosos e amarelados.	Ua-32080
2480-2200 cal BC	Entre o murete 2 e o 3. Perto do «bastião» L. Camada 3.	Ua-32083
2460-2130 cal BC	Na entrada do «bastião» K. Na camada 3.	Ua-32084
2140-1880 cal BC	Interior da estrutura circular 6, geminada com a 1 e 2. Camada 3.	Ua-32087
1740-1490 cal BC	Contrafortagem interna da estrutura denominada “Torre Principal”. O interior desta estrutura ainda não se encontra completamente escavado.	Ua-32085
1670-1450 cal BC	Junto ao grupo de estruturas geminadas números 1,2 e 6. Camada 3.	Ua-32079
1130-840 cal BC	Topo da camada 3, do «bastião» J. Nível de pequenas pedras.	Ua-32086
730-360 cal BC	Área de intersecção das estruturas geminadas 11 e 13, conectadas com a “Torre Principal”.	Ua-32082

Quadro 1 – Síntese da informação das datações da campanha de 2005. Datações calibradas BC a 2 sigma. Programa Oxcal v3.1.

